

## Pós-Modernismo - Prosa

<b>E</b>	<b>U</b>	
<b>P</b>	<b>A</b>	<b>S-</b>
<b>S</b>	<b>O</b>	

	<b>T</b>	<b>U</b>	
<b>P</b>	<b>A</b>	<b>S-</b>	
<b>S</b>	<b>A</b>	<b>S</b>	

<b>E</b>	<b>L</b>	<b>E</b>	
	<b>R</b>	<b>A-</b>	
<b>L</b>	<b>A</b>		

## Pós-Modernismo – Prosa (Parte I)

1. Quem é pobre, pouco se apega, é um giro-o-giro no vago dos gerais, que nem os pássaros de rios e lagoas. O senhor vê: o Zé-Zim, o melhor meeiro meu aqui, risonho e habilidoso. Pergunto: — Zé-Zim, por que é que você não cria galinhas-d'angola, como todo o mundo faz? — Quero criar nada não... — me deu resposta: — Eu gosto muito de mudar... [...]

Belo um dia, ele tora. Ninguém discrepa. Eu, tantas, mesmo digo. Eu dou proteção. [...]

Essa não faltou também à minha mãe, quando eu era menino, no sertãozinho de minha terra. [...]

Gente melhor do lugar eram todos dessa família Guedes, Jidião Guedes; quando saíram de lá, nos trouxeram junto, minha mãe e eu. Ficamos existindo em território baixio da Sirga, da outra banda, ali onde o de Janeiro vai no São Francisco, o senhor sabe.

*ROSA, J. G. Grande Sertão:  
Veredas. Rio de Janeiro: José Olympio (fragmento).*

Na passagem citada, Riobaldo expõe uma situação decorrente de uma desigualdade social típica das áreas rurais brasileiras marcadas pela concentração de terras e pela relação de dependência entre agregados e fazendeiros. No texto, destaca-se essa relação porque o personagem-narrador:

- relata a seu interlocutor a história de Zé-Zim, demonstrando sua pouca disposição em ajudar seus agregados, uma vez que superou essa condição graças à sua força de trabalho.
- descreve o processo de transformação de um meeiro — espécie de agregado — em proprietário de terra.
- denuncia a falta de compromisso e a desocupação dos moradores, que pouco se envolvem no trabalho da terra.
- mostra como a condição material da vida do sertanejo é dificultada pela sua dupla condição de homem livre e, ao mesmo tempo, dependente.
- mantém o distanciamento narrativo condizente com sua posição social, de proprietário de terras.

2. Tudo no mundo começou com um sim. Uma molécula disse sim a outra molécula e nasceu a vida. Mas antes da pré-história havia pré-história da pré-história e havia o nunca e havia o sim. Sempre houve. Não sei o quê, mas sei que o universo jamais começou.

[...]

Enquanto eu tiver perguntas e não houver resposta continuarei a escrever. Como começar pelo início, se as coisas acontecem antes de acontecer? Se antes da pré-pré-história já havia os monstros apocalípticos? Se esta história não existe, passará a existir. Pensar é um ato. Sentir é um fato. Os dois juntos – **sou eu que escrevo o que estou escrevendo**. [...] **Felicidade? Nunca** vi palavra mais doida, inventada pelas nordestinas que andam por aí aos montes.

Como eu irei dizer agora, esta história será o resultado de uma visão gradual – há dois anos e meio venho aos poucos descobrindo os porquês. É visão da iminência de. De quê? Quem sabe se mais tarde saberei. Como que estou escrevendo na hora mesma em que sou lido. Só não inicio pelo fim que justificaria o começo – como a morte parece dizer sobre a vida – porque preciso registrar os fatos antecedentes.

*LISPECTOR, C. A hora da estrela.  
Rio de Janeiro: Rocco, 1998 (fragmento).*

A elaboração de uma voz narrativa peculiar acompanha a trajetória literária de Clarice Lispector, culminada com a obra *A hora da estrela*, de 1977, ano da morte da escritora. Nesse fragmento, nota-se essa peculiaridade porque o narrador

- Observa os acontecimentos que narra sob uma ótica distante, sendo indiferente aos fatos e às personagens.
- Relata a história sem ter tido a preocupação de investigar os motivos que levaram aos eventos que a compõem.
- Reflete-se um sujeito que reflete sobre questões existenciais e sobre a construção do discurso.
- Admite a dificuldade de escrever uma história em razão da complexidade para escolheras palavras exatas.
- Propõe-se a discutir questões de natureza filosófica e metafísica, incomuns na narrativa de ficção.

### 3. Texto I

Agora Fabiano conseguia arranjar as ideias. O que o segurava era a família. Vivia preso como um novilho amarrado ao mourão, suportando ferro quente. Se não fosse isso, um soldado amarelo não lhe pisava o pé não.(...) Tinha aqueles cambões pendurados ao pescoço. Deveria continuar a arrastá-los? Sinha Vitória dormia mal na cama de varas. Os meninos eram uns brutos, como o pai. Quando crescessem, guardariam as reses de um patrão invisível, seriam pisados, maltratados, machucados por um soldado amarelo.

*Graciliano Ramos. Vidas Secas. São Paulo: Martins, 23.ª ed., 1969, p. 75.*

### Texto II

Para Graciliano, o roceiro pobre é um outro, enigmático, impermeável. Não há solução fácil para uma tentativa de incorporação dessa figura no campo da ficção. É lidando com o impasse, ao invés de fáceis soluções, que Graciliano vai criar *Vidas Secas*, elaborando uma linguagem, uma estrutura romanesca, uma constituição de narrador em que narrador e criaturas se tocam, mas não se identificam. Em grande medida, o debate acontece porque, para a intelectualidade brasileira naquele momento, o pobre, a despeito de aparecer idealizado em certos aspectos, ainda é visto como um ser humano de segunda categoria, simples demais, incapaz de ter pensamentos demasiadamente complexos. O que *Vidas Secas* faz é, com pretensão não envolvimento da voz que controla a narrativa, dar conta de uma riqueza humana de que essas pessoas seriam plenamente capazes.

*Luís Bueno. Guimarães, Clarice e antes.  
In: Teresa. São Paulo: USP, n.º 2, 2001, p. 254.*

A partir do trecho de *Vidas Secas* (texto I) e das informações do texto II, relativas às concepções artísticas do romance social de 1930, avalie as seguintes afirmativas.

I O pobre, antes tratado de forma exótica e folclórica pelo regionalismo pitoresco, transforma-se em protagonista privilegiado do romance social de 30.

II A incorporação do pobre e de outros marginalizados indica a tendência da ficção brasileira da década de 30 de tentar superar a grande distância entre o intelectual e as camadas populares.

III Graciliano Ramos e os demais autores da década de 30 conseguiram, com suas obras, modificar a posição social do sertanejo na realidade nacional.

É correto apenas o que se afirma em:

- a) I.
- b) II.
- c) III.
- d) I e II.
- e) II e III.

4. Alguém que ainda pelejava, já na penúltima ânsia e farto de beber água sem copo, pôde alcançar um objeto encordado que se movia. E aquele um aconteceu ser Francolim Ferreira, e a coisa movente era o rabo do burrinho pedrês. E Sete-de-Ouros, sem susto a mais, sem hora marcada, soube que ali era o ponto de se entregar, confiando, ao querer da correnteza. Pouco

fazia que esta o levasse de viagem, muito para baixo do lugar da travessia. Deixou-se, tomando tragos de ar. Não resistia.

*Guimarães Rosa - O burrinho pedrês*

A característica regionalista presente no fragmento literário acima é:

- a) a exploração dos homens e dos animais pelos proprietários no meio rural.
- b) o mal-estar gerado pela decadência social.
- c) a observação minuciosa da fauna e da flora de uma região.
- d) a integração dos homens e dos bichos a seu meio ambiente.
- e) o respeito pelas superstições e sentimentos populares.

Texto para as questões 5, 6, 7 e 8.

## O Líder

O sono do líder é agitado. A mulher sacode-o até acordá-lo do pesadelo. Estremunhado, ele se levanta, bebe um gole de água. Diante do espelho refaz uma expressão de homem de meia-idade, alisa os cabelos das têmporas, volta a se deitar. Adormece e a agitação recomeça. “Não, não!” debate-se ele com a garganta seca.

O líder se assusta enquanto dorme. O povo ameaça o líder? Não, pois se líder é aquele que guia o povo exatamente porque aderiu ao povo. O povo ameaça o líder? Não, pois se o povo escolheu o líder. O povo ameaça o líder? Não, pois o líder cuida do povo. O povo ameaça o líder?

Sim, o povo ameaça o líder do povo. O líder revolve-se na cama. De noite ele tem medo. Mas o pesadelo é um pesadelo sem história. De noite, de olhos fechados, vê caras quietas, uma cara atrás da outra. E nenhuma expressão nas caras. É só este o pesadelo, apenas isso. Mas cada noite, mal adormece, mais caras quietas vão se reunindo às outras, como na fotografia de uma multidão em silêncio. Por quem

é este silêncio? Pelo líder. É uma sucessão de caras iguais como na repetição monótona de um rosto só. Nas caras não há senão a inexpressão. A inexpressão ampliada como em fotografia ampliada. Um painel e cada vez com maior número de caras iguais. É só isso. Mas o líder se cobre de suor diante da visão inócua de milhares de olhos vazios que não pestanejam. Durante o dia o discurso do líder é cada vez mais longo, ele adia cada vez mais o instante da chave de ouro. Ultimamente ataca, denuncia, denuncia, denuncia, esbraveja e quando, em apoteose, termina, vai para o banheiro, fecha a porta e, uma vez sozinho, encosta-se à porta fechada, enxuga a testa molhada com o lenço. Mas tem sido inútil. De noite é sempre maior o número silencioso. Cada noite as caras aproximam-se um pouco mais. Cada noite ainda um pouco mais. Até que ele já lhes sente o calor do hálito. As caras inexpressivas respiram – o líder acorda num grito. Tenta explicar à mulher: sonhei que... sonhei que... Mas não tem o que contar. Sonhou que era um líder de pessoas vivas.

(LISPECTOR, Clarice. *Para não esquecer*. São Paulo: Siciliano, 1992.)



5. Esse texto de Clarice Lispector nos leva à reflexão sobre a responsabilidade e a tensão inerentes ao papel do líder. Tal reflexão é desencadeada pela inquietação e pelo medo do personagem principal.

O desconhecimento das origens desses sentimentos que afligem o líder evidencia-se na seguinte passagem:

- a) “Não, pois se o povo escolheu o líder.” (l. 11)
- b) “Mas o pesadelo é um pesadelo sem história.” (l. 15 - 16)
- c) “Durante o dia o discurso do líder é cada vez mais longo,” (l. 29 - 30)
- d) “Até que ele já lhes sente o calor do hálito.” (l. 38 - 39)

6. No segundo parágrafo do texto, há uma pergunta que se repete – O povo ameaça o líder? Essa pergunta é respondida por uma série de negativas, que culminam, contudo, em uma resposta afirmativa, no início do terceiro parágrafo – Sim, o povo ameaça o líder do povo. (l. 14) Todavia, esse jogo entre opostos não constitui contradição. A justificativa que valida essa estrutura de argumentação está descrita em:

- a) as negativas são falsas, porque se baseiam em fatos irrelevantes
- b) a afirmativa é inverossímil, porque se reforça por uma repetição
- c) as negativas são possíveis, pois se vinculam a condições
- d) a afirmativa é falaciosa, pois se estrutura em ironia

7. O texto clariceano nos conta uma história de caráter universal. Uma das estratégias para alcançar esse efeito de universalidade está relacionada com a seguinte característica do texto:

- a) ausência de foco narrativo
- b) exploração das sequências descritivas
- c) indeterminação do contexto espacial
- d) especificação das circunstâncias temporais

8. Sonhou que era um líder de pessoas vivas. (l. 41 - 42)

Em relação ao sentimento do líder, a interpretação que melhor se aplica ao fragmento apresentado é:

- a) temia o fim de sua autoridade
- b) planejava a divisão de seu poder

- c) adiava a cobrança de seus deveres
- d) desejava a morte de seus liderados

9. “Sertão. Sabe o senhor: sertão é onde o pensamento da gente se forma mais forte do que o poder do lugar. Viver é muito perigoso.”

Pelo fragmento acima de Grande Sertão: Veredas, de João Guimarães Rosa, percebe-se que neste romance, como em outros regionalistas do autor,

- a) O conflito entre o eu e o mundo se realiza pela interação entre as personagens e o sertão que acaba por ser mítico e metafísico.
- b) O sertão é um lugar perigoso, onde os habitantes sofrem as agressões do meio hostil e adverso à sobrevivência humana.
- c) Não existe uma região a que geograficamente se possa chamar de sertão: ele é fruto da projeção do inconsciente das personagens.
- d) A periculosidade da vida das personagens está circunscrita ao meio físico e social em que vivem.
- e) Há um conceito muito restrito de sertão, reduzido a palco de lutas entre bandos de jagunços.

10. Leia o texto a seguir e responda à questão.

Explico ao senhor: o diabo vige dentro do homem, os crespos do homem — ou é o homem arruinado, ou o homem dos avessos. Solto, por si, cidadão, é que não tem diabo nenhum. Nenhum! — é o que digo. O senhor aprova? Me declare tudo, franco — é alta mercê que me faz: e pedir posso, encarecido. Este caso — por estúrdio que me vejam — é de minha certa importância. Tomara não fosse... Mas, não diga que o senhor, assisado e instruído, que acredita na pessoa dele?! Não? Lhe agradeço! Sua alta opinião compõe minha valia. Já sabia, esperava por ela — já o campo! Ah, a gente, na velhice, carece de ter uma aragem de descanso. Lhe agradeço. Tem diabo nenhum. Nem espírito. Nunca vi. Alguém devia de ver, então era eu mesmo, este vosso servidor. Fosse lhe contar... Bem, o diabo regula seu estado preto, nas criaturas, nas mulheres, nos homens. Até: nas crianças — eu digo. Pois não é o **ditado: “menino — trem do diabo”?** E nos usos, nas plantas, nas águas, na terra, no vento... Estrumes... O diabo na rua, no meio do redemunho...

*Guimarães Rosa. Grande Sertão: Veredas.*

---

O texto de Guimarães Rosa mostra uma forma peculiar de escrita, denunciada pelos recursos linguísticos empregados pelo escritor. Dentre as características do texto, está:

- a) o emprego da linguagem culta, na voz do narrador, e o da linguagem regional, na voz da personagem.
- b) a recriação da fala regional no vocabulário, na sintaxe e na melodia da frase.
- c) o emprego da linguagem regional predominantemente no campo do vocabulário.
- d) a apresentação da língua do sertão fiel à fala do sertanejo.
- e) o uso da linguagem culta, sem regionalismos, mas com novas construções sintáticas e rítmicas.



### Gabarito

1. D
2. C
3. D
4. D
5. B
6. C
7. C
8. A
9. C
10. B